

Jonathan Edwards

A SOBERANIA
NA SALVAÇÃO DOS HOMENS
DE DEUS



A SOBERANIA DE DEUS NA SALVAÇÃO DOS HOMENS

Jonathan Edwards

Traduzido do original em Inglês
God's Sovereignty in the Salvation of Men
By Jonathan Edwards

Via: CCEL.org
(Christian Classics Ethereal Library)

Tradução e Capa por William Teixeira
Revisão por Camila Almeida

1ª Edição: Dezembro de 2014

Salvo indicação em contrário, as citações bíblicas usadas nesta tradução são da versão Almeida Corrigida Fiel | ACF • Copyright © 1994, 1995, 2007, 2011 Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil.

Traduzido e publicado em Português pelo website oEstandarteDeCristo.com, com a devida permissão do ministério Providence Baptist Ministries, sob a licença Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 International Public License.

Você está autorizado e incentivado a reproduzir e/ou distribuir este material em qualquer formato, desde que informe o autor, as fontes originais e o tradutor, e que também não altere o seu conteúdo nem o utilize para quaisquer fins comerciais.

A Soberania de Deus na Salvação dos Homens

Um sermão por Jonathan Edwards

“Logo, pois, compadece-se de quem quer, e endurece a quem quer.”

(Romanos 9:18)

O apóstolo, no início deste capítulo, expressa sua grande preocupação e tristeza de coração pela nação dos judeus, que foram rejeitados por Deus. Isso o leva a observar a diferença que Deus fez por eleição entre alguns e outros dentre os judeus, e entre a maior parte daquele povo e os Cristãos gentios. Ao falar isso, ele entra em uma discussão no ponto mais específico da soberania de Deus na eleição de alguns para a vida eterna, e rejeição dos outros, que é encontrado em qualquer outra parte da Bíblia. Durante seu discurso Paulo cita várias passagens do Antigo Testamento, confirmando e ilustrando esta doutrina.

No versículo 9, ele nos remete ao que Deus disse a Abraão, mostrando a eleição de Isaque ao invés de Ismael: “Porque a palavra da promessa é esta: Por este tempo virei, e Sara terá um filho”, então o que Deus disse a Rebeca, mostrando a sua eleição de Jacó ao invés de Esaú: “O maior servirá ao menor”. No verso 13, há uma passagem de Malaquias: “Amei a Jacó, e odiei a Esaú”. No verso 15, para o que Deus disse a Moisés: “Compadecer-me-ei de quem me compadecer, e terei misericórdia de quem eu tiver misericórdia”. E o verso anterior do texto, para o que Deus diz a Faraó: “Porque diz a Escritura a Faraó: Para isto mesmo te levantei; para em ti mostrar o meu poder, e para que o meu nome seja anunciado em toda a terra”. Isto que o apóstolo diz no texto, parece referir-se especialmente aos dois últimos trechos citados: o que Deus disse a Moisés no versículo 15, e o que Ele disse a Faraó no versículo imediatamente anterior. Deus disse a Moisés: “Terei misericórdia de quem eu tiver misericórdia”. A isso o apóstolo se refere na primeira parte do texto. E nós sabemos o quão frequentemente é dito que Deus endureceu o coração de Faraó. É a isso que o apóstolo parece ter se referido na última parte do texto: “e endurece a quem quer”. Podemos observar no texto:

1. O tratamento diferente de Deus para com os homens. Ele se compadece de alguns, e endurece a outros. Quando Deus é mencionado aqui como endurecendo alguns dos filhos dos homens, não devemos entender que Deus por alguma eficiência positiva endurece o coração de qualquer homem. Não há ato positivo em Deus, por meio do qual Ele empregue Seu poder para endurecer o coração. Supor tal coisa seria fazer de Deus o autor imediato do pecado. É dito que Deus endurece o coração dos homens de duas formas: através da retenção das poderosas influências do Seu Espírito, sem a qual o coração do homem permanecerá endurecido, e endurecendo cada vez mais; neste sentido, Ele os endurece, isto

é, não impede que os homens endureçam. E, também, ao ordenar as coisas na Sua providência, de modo que, por meio do abuso de sua própria corrupção, os homens tenham ocasiões para seu endurecimento. Assim, Deus envia Sua Palavra e ordenanças aos homens que, pelo seu abuso, provocam uma ocasião de seu próprio endurecimento.

Por isso, o apóstolo disse, que para alguns ele era “um cheiro de morte para morte” [2 Coríntios 2:16]. Assim, Deus é representado enviando Isaías sobre esta incumbência, a saber, engordar o coração do povo, e fazer-lhe pesados os ouvidos, e fechar-lhe os olhos; para que ele não veja com os seus olhos, e não ouça com os seus ouvidos, nem entenda com o seu coração, nem se converta e seja sarado (Isaías 6:10). A pregação de Isaías era, em si mesma, de uma tendência contrária, ou seja, tendia a torná-los melhores. Porém o fato do povo ter abusado da pregação de Isaías, tornava esta uma ocasião de seu endurecimento. Como Deus é dito aqui endurecendo os homens, assim é dito que Ele pôs um espírito de mentira na boca dos falsos profetas (2 Crônicas 18:22). Ou seja, Ele tolerou um espírito de mentira entrar neles. E assim Ele se diz ter ordenado Simei amaldiçoar Davi (2 Samuel 16:10). Não que Ele diretamente lhe ordenara, pois é contrário aos mandamentos de Deus. Deus proíbe expressamente amaldiçoar o governante do povo (Êxodo 22:28). Mas Ele, naquele tempo, suportou a corrupção das obras de Simei, e ordenou aquela ocasião agitada como uma manifestação do seu descontentamento contra Davi.

2. O fundamento de Seu diferente tratamento para com a humanidade: a saber, Sua soberana vontade e prazer. “Terei misericórdia de quem eu tiver misericórdia”. Isso não significa, simplesmente, que Deus nunca mostra misericórdia ou a nega contra a Sua vontade, ou que Ele está sempre disposto a fazê-lo quando Ele faz isso. Um sujeito disposto ou servo, quando ele obedece as ordens de seu senhor, ele pode nunca fazer qualquer coisa contra a sua vontade, mas ele pode não fazer de bom grado e com prazer; embora ele não possa dizer que fez a sua vontade no sentido do texto. Mas a expressão implica que é mera vontade de Deus, vontade soberana, que supremamente ordena este acontecimento. A vontade Divina não possui restrição, limitação ou obrigação.

Doutrina. Deus exerce Sua soberania na salvação eterna dos homens. Ele não somente é soberano e tem o direito soberano de dispor e ordenar cada acontecimento; e Ele não somente pode proceder de uma maneira soberana, se quiser, e ninguém pode acusar este Seu direito como excessivo; mas Ele realmente faz isso, Ele exerce o direito que Ele tem. No seguinte discurso, proponho a mostrar:

- I. O que é a soberania de Deus.
- II. Em que a soberania de Deus na salvação dos homens implica.
- III. Que Deus realmente exerce Sua soberania neste caso.

IV. As razões para este exercício.

I. Irei mostrar o que é a soberania de Deus.

A soberania de Deus é o Seu direito absoluto e independente de dispor de todas as criaturas de acordo com Seu próprio prazer. Vou considerar esta definição por suas partes:

A vontade de Deus é chamada de: o Seu mero prazer.

1. Em oposição a qualquer restrição. Os homens podem fazer as coisas de forma voluntária, e ainda pode haver um grau de restrição. De um homem pode ser dito fazer uma coisa voluntariamente, isto é, ele mesmo faz, considerando todas as coisas, ele pode optar por fazê-la; no entanto, ele pode fazê-la por medo, e a coisa em si pode ser considerada cansativa para ele, e dolorosamente contra a sua inclinação. Quando os homens fazem coisas assim, não pode ser dito que eles as fizeram de acordo com seu mero prazer.

2. Em oposição a ela estar sob a vontade de outrem. Um servo pode cumprir as ordens de seu mestre, e pode fazer isto por vontade própria, e alegremente, e pode deleitar-se em fazer a vontade do seu senhor; mas quando ele faz isso, ele não o faz de seu próprio mero prazer. Os santos fazem a vontade de Deus voluntariamente. Eles optam por fazê-la; ela é sua comida e bebida. No entanto, eles não fazem isto por seu mero prazer e vontade arbitrária, porque a sua vontade está sob a direção de uma vontade superior.

3. Em oposição a qualquer obrigação própria. Um homem pode fazer muito voluntariamente uma coisa que ele é obrigado a fazer, mas não pode ser dito que ele agiu a partir de sua própria mera vontade e prazer. Aquele que age a partir de seu próprio mero prazer está em plena liberdade, mas aquele que está sob qualquer obrigação propriamente dita, não está em liberdade, mas está obrigado.

Ora, a soberania de Deus supõe, que Ele tem o direito de dispor de todas as Suas criaturas de acordo com Seu mero prazer no sentido explicado. E o Seu direito é absoluto e independente. Os homens podem ter o direito de dispor de algumas coisas de acordo com seu prazer. Entretanto este direito não é absoluto e nem ilimitado. Os homens podem dizer que têm o direito de dispor de seus próprios bens como bem entenderem. Mas o direito não é absoluto, antes possui limites e obrigações. Eles têm o direito de dispor de seus próprios bens como bem entenderem, desde que não façam isso de forma contrária à lei do Estado a que estão sujeitos, ou contrária à Lei de Deus. O direito dos homens de dispor de suas coisas como querem, não é absoluto, porque não é independente. Eles não possuem um

direito independente, mas em algumas coisas dependem da comunidade a que pertencem, para o direito que eles têm, e em tudo dependem de Deus. Eles recebem todo o direito que eles têm de qualquer coisa a partir de Deus. Mas a soberania de Deus implica que Ele tem um direito absoluto, ilimitado e independente de dispor das Suas criaturas como Ele quiser.

Agora, me proporei a inquirir:

II. Em que a soberania de Deus na salvação dos homens implica.

Em resposta a esta questão, eu observo: implica que Deus pode conceder a salvação a qualquer um dos filhos dos homens, ou recusá-la, sem qualquer prejuízo para a glória de qualquer um de Seus atributos, exceto quando Ele tem se agradado de declarar, que Ele vai ou não concedê-la. Isto não pode ser dito absolutamente, como o caso está agora, que Deus pode, sem qualquer prejuízo para a honra de qualquer um de Seus atributos, conceder a salvação para qualquer um dos filhos dos homens, ou recusá-la; porque, em relação a alguns, Deus se agradou de declarar que Ele quer ou não conceder a salvação a eles; e assim obriga a Si mesmo em relação à Sua própria promessa. E em relação a alguns Ele se agradou de declarar, que Ele nunca vai conceder salvação a eles; a saber, aqueles que cometeram o pecado contra o Espírito Santo. Assim, conforme o caso está agora, Deus está obrigado; Ele não pode dar a salvação em um caso, ou recusá-lo em outro, sem prejuízo para a honra de Sua verdade.

Porém Deus exerceu Sua soberania ao fazer estas declarações. Deus não era obrigado a prometer que iria salvar todos os que creem em Cristo; nem Ele foi obrigado a declarar que aquele que cometeu o pecado contra o Espírito Santo nunca será perdoado. Mas agradou-Lhe assim declarar. E se não fosse por isso, isto é, que Deus tomou prazer de obrigar-Se, nestes casos, Ele ainda podia conceder ou recusar a salvação, sem qualquer prejuízo de qualquer um de Seus atributos. Se o conceder ou recusar a salvação fosse por si só prejudicial a qualquer um dos Seus atributos, então Deus não faria este ato como Soberano absoluto. Porque então deixa de ser uma coisa meramente arbitrária. Isto deixaria de ser uma questão de liberdade absoluta, e tornar-se-ia uma questão de necessidade ou obrigação. Pois Deus não pode fazer qualquer coisa em detrimento de qualquer um de Seus atributos, ou contrário ao que Ele é em Si mesmo, excelente e glorioso. Portanto,

1. Deus pode, sem prejuízo para a glória de qualquer um de Seus atributos, conceder a salvação para qualquer um dos filhos dos homens, exceto para aqueles que cometeram o pecado contra o Espírito Santo.

Semelhante foi o caso quando o homem caiu, e diante disso Deus revelou o Seu eterno propósito e um plano para resgatar os homens por Jesus Cristo. Provavelmente o ato de salvar qualquer um dos filhos dos homens era visto pelos anjos como uma coisa totalmente inconsistente com os atributos de Deus. Era totalmente inconsistente com a honra dos atributos Divinos salvar qualquer um dos filhos caídos dos homens, como eram em si mesmos. Isto não poderia ter sido feito se Deus não tivesse idealizado uma forma consistente com a honra de Sua santidade, majestade, justiça e verdade. Mas uma vez que Deus no Evangelho, revelou que nada é demasiado difícil para Ele fazer, nada está além do alcance de Seu poder, sabedoria e suficiência; e uma vez que Cristo operou a obra da redenção, e cumpriu a Lei, obedecendo-a, não há ninguém da humanidade a quem não possa salvar sem qualquer prejuízo de qualquer de Seus atributos, exceto aqueles que cometeram o pecado contra o Espírito Santo.

E aqueles que cometeram o pecado contra o Espírito Santo, Deus poderia salvar sem contrariar qualquer de Seus atributos, se Ele não tivesse tido o prazer de declarar que Ele não o faria. Não era porque Ele não poderia tê-los salvo de forma consistente com a Sua justiça, e de forma consistente com a Sua Lei, ou porque o Seu atributo da misericórdia não era grande o suficiente, ou o sangue de Cristo não é suficiente para purificar deste pecado. Mas aprovou a Ele por razões sábias declarar que este pecado nunca será perdoado neste mundo nem no mundo por vir. E agora é contrário à verdade de Deus salvar tais.

Mas por outro lado, não há pecador que seja tão grande, que Deus não possa salvá-lo, sem prejuízo de qualquer dos Seus atributos; se alguém tem sido um assassino, adúltero, perjuro, idólatra ou blasfemo, Deus pode salvá-lo, se Ele quiser, e em nenhum aspecto prejudicar a Sua glória. Embora as pessoas tenham pecado por muito tempo, tenham sido obstinadas; tenham cometido pecados hediondos mil vezes; até mesmo se eles tiverem envelhecido no pecado, e tenham pecado com grandes agravos, deixem os agravos serem o que puderem; se eles pecaram mesmo sob tão grande luz; se eles se desviaram, e pecaram até mesmo contra as numerosas e solenes advertências e esforços do Espírito, e misericórdias de Sua providência comum; embora o perigo de tais seja muito maior do que o de outros pecadores, ainda assim Deus pode salvá-los se isto Lhe agradar, por causa de Cristo, sem qualquer prejuízo a qualquer um de Seus atributos.

Deus pode ter misericórdia de quem Ele tiver misericórdia. Ele pode ter misericórdia do maior dos pecadores, se Ele quiser, e a glória de nenhum de Seus atributos será minimamente manchada. Tal é a suficiência da satisfação e justiça de Cristo, que nenhum dos atributos Divinos se interpõe no caminho da salvação de qualquer um deles. Assim, a glória de qualquer atributo não sofre absolutamente nenhum dano por Cristo salvar alguns daqueles que O crucificaram.

2. Deus pode salvar qualquer um deles, sem prejuízo da honra de Sua santidade. Deus é um ser infinitamente santo. Os céus não são puros aos seus olhos. Ele é tão puro de olhos que não pode contemplar o mal, e não pode olhar para a iniquidade. E se Deus devesse, de qualquer maneira tolerar o pecado, e não desse testemunhos próprios de Seu ódio, e desprazer em relação a ele, seria um prejuízo para a honra da Sua santidade. Mas Deus pode salvar o maior pecador, sem dar a menor aprovação ao pecado. Se Ele salva alguém, que por muito tempo ficou sob os apelos do Evangelho, e pecou em agravos terríveis; se Ele salva aquele que, contra a luz, tem sido um roubador ou blasfemo, Ele pode fazê-lo sem dar qualquer aprovação de sua maldade; porque sua aversão e descontentamento contra ela já foram suficientemente manifestados nos sofrimentos de Cristo. Foi um testemunho suficiente da aversão de Deus contra a maior maldade, o fato de que Cristo, o Filho Eterno de Deus, morreu por conta dela. Nada pode demonstrar a aversão infinita de Deus por qualquer maldade mais do que isso. Se o próprio homem ímpio deverá ser lançado no Inferno, e deverá suportar os tormentos mais extremos que sempre serão sofridos ali, isto não seria uma maior manifestação da aversão de Deus pelo pecado, do que os sofrimentos do Filho de Deus por causa do pecado.

3. Deus pode salvar qualquer um dos filhos dos homens, sem prejuízo da honra de Sua majestade. Se os homens têm afrontado Deus, sempre e tanto; se lançaram sempre tanto desprezo em Sua autoridade, ainda assim, Deus pode salvá-los, se Ele quiser, e a honra de Sua Majestade não sofre o mínimo dano. Se Deus salvar aqueles que O têm ofendido, sem satisfação, a honra de Sua majestade sofreria dano. Pois, quando o desprezo é lançado sobre Sua infinita majestade, Sua honra sofre dano e o desprezo deixa uma obscuridade sobre a honra da majestade Divina, caso o dano não seja reparado. Mas os sofrimentos de Cristo repararam integralmente o dano. Deixe o desprezo ser muitíssimo grande, no entanto se tão honrável pessoa como Cristo se compromete a ser um Mediador para o ofensor, e na mediação sofrer em seu lugar, é totalmente reparado o dano causado pelo maior pecador à Majestade do Céu.

4. Deus pode salvar qualquer pecador em consistência com a Sua justiça. A justiça de Deus exige a punição do pecado. Deus é o Juiz Supremo do mundo, e Ele deve julgar o mundo de acordo com as regras da justiça. Não é o papel de um juiz mostrar favor à pessoa julgada; mas Ele deve julgar de acordo com a regra da justiça, sem se afastar para a direita nem para a esquerda. Deus não mostra misericórdia como Juiz, mas como um Soberano. E, portanto, quando a misericórdia procurou a salvação dos pecadores, a questão era a forma de fazer concordar o exercício da misericórdia de Deus como um Soberano, e de Sua estrita justiça como Juiz. E isso é feito através dos sofrimentos de Cristo, nos quais o pecado é punido completamente, e a justiça satisfeita. Cristo sofreu o suficiente para a punição dos pecados do maior pecador que já viveu. Para que Deus, quando julgar, possa agir de acordo

com uma regra de estrita justiça, e ainda assim absolver o pecador, se este está em Cristo. A justiça não pode exigir mais pelos pecados de qualquer homem, do que os sofrimentos de uma das pessoas da Trindade, como Cristo sofreu: “Ao qual Deus propôs para propiciação pela fé no seu sangue, para demonstrar a sua justiça pela remissão dos pecados dantes cometidos, sob a paciência de Deus; para demonstração da sua justiça neste tempo presente, para que ele seja justo e justificador daquele que tem fé em Jesus” (Romanos 3:25-26).

5. Deus pode salvar qualquer pecador, sem qualquer prejuízo para a honra de Sua verdade. Deus aprovou em Sua palavra, que o pecado deve ser punido com a morte, que deve ser entendida não apenas como a primeira, mas também como a segunda morte. Deus pode salvar o maior pecador de forma consistente com esta Sua verdade ameaçadora. Porque o pecado é punido nos sofrimentos de Cristo, na medida em que Ele é o nosso Fiador, e por isso é legalmente a mesma pessoa, e carrega a nossa culpa, e nos Seus sofrimentos suportou o nosso castigo. Pode-se objetar que Deus disse: “Se tu comeres, tu morrerás” [Gênesis 2:17]; como se a mesma pessoa que pecou deve ser punida; e, portanto, por que a verdade de Deus não O obriga a isso? Eu respondo, que a palavra, então, não se destinava restritamente a ele, que em sua própria pessoa pecou. Adão provavelmente compreendeu que a sua posteridade foi incluída, se eles pecassem na sua própria pessoa ou não. Se eles pecaram em Adão, a veracidade dessas palavras, “se comeres”, significava, se comeres em ti mesmo, ou confiando em ti mesmo. E, portanto, a última palavra, “morrerás”, também suficientemente permite uma tal construção como: “tu morrerás em ti mesmo, ou na tua garantia”. “O Senhor se agradava dele por amor da sua justiça; engrandeceu-o pela lei, e o fez glorioso” (Isaías 42:21). Mas,

Deus pode recusar a salvação a qualquer pecador que seja, sem prejuízo à honra de qualquer um de seus atributos.

Não há uma pessoa qualquer que esteja em uma condição natural, a quem Deus não pode recusar-Se a conceder a salvação, sem prejuízo de qualquer parte da Sua glória. Deixe que uma pessoa natural seja sábia ou insensata, de um temperamento natural bom ou mau, de parentesco inferior ou honroso, seja nascido de pais ímpios ou piedosos; que ela seja uma pessoa moral ou imoral, tudo de bom que ela possa ter feito, embora esta pessoa tenha sido religiosa, tenha feito muitas orações, e quaisquer sofrimentos que tenha tido para que ele pudesse ser salva; qualquer que seja a preocupação e angústia que essa pessoa tema de que ela será condenada; ou qualquer circunstância em que ela possa estar; Deus pode negar-lhe a salvação sem o menor menosprezo a nenhuma das Suas perfeições. Sua glória não irá em qualquer instância ser minimamente obscurecida por isto.

1. Deus pode negar a salvação a qualquer pessoa natural, sem qualquer prejuízo para a honra de Sua justiça. Se Ele faz isso, não há injustiça nem deslealdade nEle. Não há homem natural vivo, deixe seu caso ser o que quiser, contudo, Deus pode negar-lhe a salvação, e lançá-lo no inferno, e ainda assim não ser acusado da menor injustiça ou deslealdade em qualquer aspecto que seja. Isto é evidente, porque todos eles merecem o inferno, e não há qualquer injustiça em um juiz justo infligir a qualquer homem o que ele merece. E como o homem natural tem merecido a condenação, e ele nunca fez qualquer coisa para remover sua culpa, ou para expiar o pecado; ele nunca fez qualquer coisa pela qual ele colocasse quaisquer obrigações em Deus para não puni-lo como ele merece.

2. Deus pode negar a salvação a qualquer pessoa não-convertida seja ela quem for, sem qualquer prejuízo para a honra da Sua bondade. Os pecadores são, por vezes, prontos para vangloriarem-se que, embora possa não ser contrário à justiça de Deus condená-los, contudo, isto não será consistente com a glória da Sua misericórdia. Eles pensam que será desonroso para a misericórdia de Deus lançá-los no inferno, e não ter nenhuma piedade ou compaixão deles. Eles pensam que isso seria muito duro e severo, e que não seria consistente com um Deus de infinita graça e terna compaixão. Entretanto, Deus pode negar a salvação a qualquer pessoa natural, sem qualquer depreciação à Sua misericórdia e bondade. Aquilo que não é contrário à justiça de Deus também não é contrário à Sua misericórdia. Se a condenação for justa, então a misericórdia pode escolher Seu próprio objeto. Eles confundem a natureza da misericórdia de Deus, e pensam que é um atributo, que, em alguns casos, está contrário à Sua justiça. Não, a misericórdia de Deus é adornada por ela, como está no vigésimo terceiro versículo do contexto. “Para que também desse a conhecer as riquezas da sua glória nos vasos de misericórdia, que para glória já dantes preparou”.

3. Negar a salvação para pessoas naturais e não-convertidas não é de forma alguma prejudicial para a honra da fidelidade de Deus. Porque Deus não tem, de modo algum obrigado a Si mesmo em relação ao homem natural, pela Sua Palavra, para conceder salvação a ele. Homens em uma condição natural não são os filhos da promessa; mas estão expostos à maldição da Lei, o que não seria o caso se tivessem qualquer promessa à qual apegarem-se.

III. Deus realmente exerce a Sua soberania na salvação dos homens.

Mostrarei como Deus exerce esse direito em diferentes particularidades.

1. Ao chamar um povo ou nação, e dar-lhes os meios da graça, e deixando outros sem estes. De acordo com a determinação Divina, a salvação é oferecida em conexão com os meios de graça. Às vezes, Deus pode fazer uso de meios muito improváveis, e conceder a salva-

ção dos homens que estão sob mui grandes desvantagens; mas Ele não concede graça sem absolutamente nenhum meio, antes Deus exerce Sua soberania ao conceder esses meios.

Toda a humanidade está, por natureza, em circunstância semelhante diante de Deus. No entanto, Deus distingue grandemente alguns dos outros pelos meios e vantagens que Ele de concede. Os selvagens, que vivem em partes remotas do continente e estão sob a mais grosseira escuridão pagã, bem como os habitantes da África, estão, naturalmente, em circunstâncias exatamente semelhantes para com Deus, como nós nesta terra. Eles não estão mais alienados ou distantes de Deus em sua natureza do que nós; e Deus não tem mais causas para acusá-los do que a nós. E, contudo, que grande diferença Deus fez entre nós e eles! Nisso, Ele exerceu Sua soberania.

Ele fez isso no passado, quando Ele escolheu apenas um povo, para torná-los Seu povo da Aliança, e dar-lhes os meios de graça, e deixou todos os outros, e os entregou à escuridão pagã e à tirania do Diabo, Deus os deixou a perecer de geração em geração por muitas centenas de anos. A terra que no passado estava povoada por muitas grandes e poderosas nações. Havia os egípcios, um povo famoso por sua sabedoria. Havia também os assírios e caldeus, que eram nações grandes, sábias e poderosas. Havia os persas, que por sua força e política sujeitaram uma grande parte do mundo. Havia as nações renomadas dos gregos e romanos, que eram famosos por todo o mundo por seus excelentes governos civis, por sua sabedoria e habilidade nas artes da paz e da guerra, e que por sua destreza militar subjugarão e reinaram sobre o mundo. Porém, todos aqueles foram rejeitados. Deus não os escolheu para serem o Seu povo, mas deixou-os por muitas eras na grosseira escuridão pagã, a perecer por falta de visão; e escolheu um único povo, a posteridade de Jacó, para ser o Seu próprio povo, e para dar-lhes os meios de graça: “Mostra a sua palavra a Jacó, os seus estatutos e os seus juízos a Israel. Não fez assim a nenhuma outra nação; e quanto aos seus juízos, não os conhecem” (Salmo 147:19-20). Esta nação era um povo pequeno e desprezível em comparação com muitas outras pessoas: “O Senhor não tomou prazer em vós, nem vos escolheu, porque a vossa multidão era mais do que a de todos os outros povos... Sabe, pois, que não é por causa da tua justiça que o Senhor teu Deus te dá esta boa terra para possuí-la, pois tu és povo obstinado” (Deuteronômio 7:7; 9:6). Deus lhes dá a entender, que não era por nenhuma outra causa, senão o Seu livre amor eletivo, que O levou a escolhê-los para ser Seu povo. A razão dada ao porquê Deus os amava foi: porque Ele os amava (Deuteronômio 7:8). Que é o mesmo que dizer que foi agradável à Sua vontade soberana, colocar o Seu amor sobre você.

Deus também mostrou a Sua soberania na escolha das pessoas, quando outras nações foram rejeitadas, que vieram dos mesmos progenitores. Assim, os filhos de Isaque foram

escolhidos, quando a posteridade de Ismael e dos outros filhos de Abraão foram rejeitadas. Assim os filhos de Jacó foram escolhidos, quando a posteridade de Esaú foi rejeitada; como o apóstolo observa em Romanos 9:7: “Nem por serem descendência de Abraão são todos filhos; mas: Em Isaque será chamada a tua descendência”. E novamente nos versículos 10-13. “E não somente esta, mas também Rebeca, quando concebeu de um, de Isaque, nosso pai; porque, não tendo eles ainda nascido, nem tendo feito bem ou mal (para que o propósito de Deus, segundo a eleição, ficasse firme, não por causa das obras, mas por aquele que chama), foi-lhe dito a ela: O maior servirá ao menor. Como está escrito: Amei a Jacó, e odiei a Esaú”. O apóstolo não se refere apenas à eleição das pessoas de Isaque e de Jacó ao invés de Ismael e Esaú; mas de sua posteridade. Na passagem, já citada de Malaquias, Deus tem o respeito às nações, que foram os descendentes de Esaú e Jacó; Malaquias 1:2-3: “Eu vos tenho amado, diz o Senhor. Mas vós dizeis: Em que nos tens amado? Não era Esaú irmão de Jacó? disse o Senhor; todavia amei a Jacó, e odiei a Esaú; e fiz dos seus montes uma desolação, e dei a sua herança aos chacais do deserto”.

Deus mostrou a Sua soberania, quando Cristo veio, ao rejeitar os judeus, e chamar os gentios. Deus rejeitou essa nação que eram os filhos de Abraão segundo a carne, e que tinha sido seu povo peculiar por tantos séculos, e que exclusivamente possuía o único Deus verdadeiro, e escolheu o pagão idólatra ao invés deles, e os chamou para ser Seu povo. Quando o Messias veio e nasceu de sua nação, e a quem tanto esperavam, Ele foi rejeitado por eles. Ele veio para os seus, e os seus não o receberam (João 1:11). Quando a dispensação gloriosa do Evangelho veio, Deus passou pelos judeus, e chamou aqueles que tinham sido pagãos, para desfrutar dos privilégios do mesmo. Eles foram cortados, para que os gentios fossem enxertados em seu lugar (Romanos 11:17). Agora é chamada amada, a que não era amada. E mais são os filhos da mulher solitária, do que os filhos da casada (Isaías 54:1). Os filhos naturais de Abraão, são rejeitadas, e Deus suscita das pedras filhos a Abraão. Essa nação, que foi tão honrada por Deus, tem sido agora, por muitas eras, rejeitada, e permanece dispersa por todo o mundo, um monumento notável da vingança Divina. E agora Deus distingue grandemente algumas nações dos gentios em relação a outras, e tudo de acordo com a Sua vontade soberana.

2. Deus exerce Sua soberania nas vantagens que Ele concede a pessoas particulares. Todos precisam de salvação da mesma forma, e todos são, naturalmente, não merecedores dela; mas Ele dá algumas vantagens maiores para a salvação a uns do que a outros. Para alguns, Ele designa o seu lugar em famílias piedosas e religiosas, onde eles podem ser bem instruídos e educados, e têm pais religiosos para dedicar-lhes a Deus, e fazer muitas orações por eles. Deus coloca alguns sob um ministério mais poderoso do que os outros, e em locais onde há mais das efusões do Espírito de Deus. Para alguns, Ele dá muito mais dos esforços e influências despertadoras do Espírito, do que para outros. Isto acontece de acordo com a Sua mera vontade soberana.

3. Deus exerce Sua soberania algumas vezes concedendo salvação aos pequenos e medíocres, e a nega aos sábios e grandes. Cristo em Sua soberania passa pelas portas de príncipes e nobres, e entrar em alguma casa e ali faz morada, e tem comunhão com os seus obscuros habitantes. Deus em Sua soberania reteve a salvação do homem rico, que se regalava esplendidamente todos os dias, e a concedeu ao pobre Lázaro, que estava sentado mendigando em seu portão. Deus desta forma lança o desprezo sobre os príncipes, e em todo o seu esplendor fulgurante. Então, Deus às vezes passa por homens sábios, homens de grande entendimento, eruditos e grandes estudiosos, e dá salvação aos outros de pouco conhecimento, que só compreendem algumas das partes mais claras das Escrituras, e os princípios fundamentais da Religião Cristã. Sim, parece haver poucos grandes homens que são chamados, em relação aos outros. E Deus em Sua ordenação faz que assim se manifeste a Sua soberania: “Porque, vede, irmãos, a vossa vocação, que não são muitos os sábios segundo a carne, nem muitos os poderosos, nem muitos os nobres que são chamados. Mas Deus escolheu as coisas loucas deste mundo para confundir as sábias; e Deus escolheu as coisas fracas deste mundo para confundir as fortes; e Deus escolheu as coisas vis deste mundo, e as desprezíveis, e as que não são, para aniquilar as que são” (1 Coríntios. 1:26–28)

4. Concedendo salvação a pessoas que tiveram poucas vantagens. Às vezes Deus vai abençoar meios fracos para produzir efeitos surpreendentes, quando os mais excelentes meios não são bem sucedidos. Deus, às vezes, retêm a salvação daqueles que são os filhos de pais muito piedosos, e a concede a outros, que foram criados em famílias ímpias. Assim, lemos de um bom Abias na família de Jeroboão, e de um piedoso Ezequias, filho de ímpio Acaz; e de um piedoso Josias, filho de um ímpio Amon. Mas, ao contrário, também lemos a respeito dos perversos Amnon e Absalão, filhos do santo Davi, e de um vil Manassés, filho de um bom Ezequias. Às vezes, alguns, que tiveram meios eminentes de graça, são rejeitadas, e deixados a perecer, e outros, sob muito menos vantagens, são salvos. Assim, os escribas e fariseus, que tinham tanta luz e conhecimento das Escrituras, foram em sua maioria rejeitados, e os pobres publicanos ignorantes foram salvos.

A maior parte das pessoas, entre os quais Cristo estava muito familiarizado, e que O ouviram pregar, e O viram fazer milagres cotidianamente, foram deixados; e a mulher de Samaria foi tomada, e muitos outros samaritanos, ao mesmo tempo, que só ouviram pregar Cristo quando Ele ocasionalmente passou por sua cidade. Assim, a mulher de Canaã, que não era do país dos judeus, foi tomada e viu Jesus Cristo uma única vez. Então os judeus, que tinham visto e ouvido Cristo, e visto Seus milagres, e por quem os apóstolos trabalharam tanto, não foram salvos. Mas os gentios, muitos deles, que, por assim dizer, não ouviram as boas novas de salvação senão transitoriamente, abraçando-as, foram convertidos.

5. Deus exerce Sua soberania em chamar alguns para a salvação, que têm sido muito horrendamente ímpios, e deixando outros, que foram pessoas morais e religiosas. Os fariseus eram uma seita muito rigorosa entre os judeus. Sua religião era extraordinária. Eles não eram como os demais homens, roubadores, injustos ou adúlteros (Lucas 18:11). Havia moralidade neles. Eles jejuavam duas vezes por semana, e davam o dízimo de tudo que possuíam. Eles eram religiosos. Mas ainda assim eles foram, em sua maioria, rejeitados, e os publicanos, as meretrizes e um tipo abertamente vicioso de pessoas entraram no reino de Deus diante deles (Mateus 21:31). O apóstolo descreve a sua justiça, enquanto fariseu: “segundo o zelo, perseguidor da igreja, segundo a justiça que há na lei, irrepreensível” (Filipenses 3:6).

O jovem rico veio e ajoelhou-se diante de Cristo, dizendo: “Bom Mestre, que farei para herdar a vida eterna?”. Ele era uma pessoa moral. Quando Cristo ordenou-lhe guardar os mandamentos, ele disse, e em seu próprio ponto de vista com sinceridade: “Mestre, tudo isso guardei desde a minha mocidade” [Marcos 10:20]. Ele, obviamente, tinha sido criado em uma boa família, e era um jovem de tais maneiras amáveis e conduta correta, que é dito: “E Jesus, olhando para ele, o amou” [Marcos 10:21]. Ainda assim, ele foi deixado; enquanto o ladrão, que foi crucificado com Cristo, foi escolhido e chamado, mesmo na cruz. Às vezes Deus mostra Sua soberania, mostrando misericórdia para com o principal dos pecadores, por aqueles que foram assassinos, profanadores e blasfemos. E mesmo quando eles estão velhos, alguns são chamados na última hora. Deus, por vezes, mostra a soberania de Sua graça ao mostrar misericórdia para com alguns, que passaram a maior parte de suas vidas a serviço de Satanás, e tem pouco para gastar no serviço de Deus.

6. Na salvação de alguns daqueles que buscam a salvação, e não outros. Alguns dos que buscam a salvação, como se sabe, tanto a partir das Escrituras e da observação destas são logo convertidos; enquanto outros procuram por longo tempo, e, contudo, não a obtêm por fim. Deus ajuda alguns a atravessarem as montanhas e as dificuldades que estão no caminho, Ele subjuga Satã, e os livra de suas tentações, mas os outros são arruinados pelas tentações com as quais eles se encontram. Alguns nunca são completamente despertados; enquanto para outros, Deus tem o prazer de dar as convicções completas. Alguns são deixados aos seus corações inconstantes; a outros, Deus os sustenta até o fim. Alguns são libertos de uma confiança em sua justiça própria; outros nunca superam essa obstrução em seu caminho, enquanto eles vivem. E alguns são convertidos e salvos sem nunca terem empregado tão grandes esforços como alguns que, não obstante, perecem.

IV. Venho agora para dar as razões, por que Deus, assim, exerce Sua soberania na salvação eterna dos filhos dos homens.

1. É agradável para o desígnio de Deus na criação do universo exercer cada atributo, e, assim, manifestar a glória de cada um deles. O desígnio de Deus na criação foi o de glorificar a Si mesmo, ou fazer manifesta a glória essencial de Sua natureza. Foi ajustado que Sua infinita glória deveria brilhar; e era o desígnio original de Deus fazer uma manifestação de Sua glória, como ela é. Não que era Seu desígnio manifestar toda a Sua glória para a apreensão das criaturas; pois é impossível que as mentes das criaturas possam compreendê-la. Mas foi o Seu desígnio fazer uma verdadeira manifestação de Sua glória, como representante de todos os Seus atributos. Se Deus glorifica um atributo, e não outro, quão defeituosa seria a manifestação da Sua glória; e a representação não estaria completa. Se todos os atributos de Deus não são manifestados, a glória de nenhum deles se manifesta como ela é; pois os atributos Divinos refletem a glória uns dos outros.

Assim, se a sabedoria de Deus se manifestar, e não a Sua santidade, a glória de Sua sabedoria não iria se manifestar como ela é; pois uma parte da glória do atributo da sabedoria Divina é que ela é uma sabedoria santa. Semelhantemente, se a Sua santidade se manifestar, e não a Sua sabedoria, a glória de Sua santidade não iria se manifestar como ela é; pois uma coisa que pertence a glória da santidade de Deus é que ela é uma santidade sábia. Assim é com relação aos atributos de misericórdia e justiça. A glória da misericórdia de Deus não aparece como ela é, a não ser que seja manifesta como uma misericórdia justa, ou como uma misericórdia consistente com a justiça. E assim é com respeito à soberania de Deus, ela reflete a glória de todos os Seus outros atributos. E esta mesma soberania de Deus faz parte da glória da misericórdia de Deus, que é uma misericórdia soberana. Portanto, todos os atributos de Deus refletem a glória uns dos outros.

A glória de um atributo não pode ser manifestada, como ela realmente é, sem a manifestação de outro atributo. Um atributo é defeituoso sem outro, e, por conseguinte, a manifestação será defeituosa. Por isso, foi da vontade de Deus manifestar todos os Seus atributos. A glória declarativa de Deus nas Escrituras é muitas vezes chamada de: o nome de Deus, porque ele declara Sua natureza. Mas, se o Seu nome não significar a Sua natureza como ela é, ou não declarar qualquer atributo, ele não é um nome verdadeiro. A soberania de Deus é um dos Seus atributos, e uma parte da Sua glória. A glória de Deus eminentemente aparece em Sua soberania absoluta sobre todas as criaturas, grandes e pequenas. Assim como a glória de um príncipe está em seu poder e domínio, assim também a glória de Deus é a Sua soberania absoluta. Aqui aparece a infinita grandeza e majestade de Deus acima de todas as criaturas. Portanto, é da vontade de Deus manifestar a Sua soberania. E a Sua soberania, assim como seus outros atributos, é manifestada nos exercícios do mesmo. Ele glorifica o Seu poder no exercício do poder. Ele glorifica Sua misericórdia no exercício da misericórdia. Da mesma forma, Ele glorifica a Sua soberania no exercício da soberania.

2. A mais excelente criatura está sob Deus, que é soberano; e quanto maior for a posição em que ela aparece, mais gloriosa é a Sua soberania. A soberania de Deus em seu ser soberano sobre os homens, é mais gloriosa do que o ser soberano sobre as criaturas inferiores. E a Sua soberania sobre anjos é ainda mais gloriosa que a Sua soberania sobre os homens. Pois quanto mais nobre a criatura é, ainda maior e mais alta foi a manifestação de Deus em Sua soberania sobre ela.

É uma honra maior para um homem ter o domínio sobre outros homens do que sobre animais; e uma honra ainda maior ter domínio sobre príncipes, nobres e reis, do que sobre os homens comuns. Então a glória da soberania de Deus é demonstrada em Seu ser soberano sobre as almas dos homens, que são criaturas tão nobres e excelentes. Deus, portanto, vai exercer a Sua soberania sobre eles.

E quanto mais o domínio de alguém se estende sobre um outro, maior será a honra. Se um homem tem domínio sobre outro apenas em alguns casos, ele não está ali muito exaltado, como em ter domínio absoluto sobre sua vida e fortuna, e tudo o que ele tem. Assim, a soberania de Deus sobre os homens se mostra gloriosa por se estender a todas as coisas que lhes dizem respeito. Ele pode dispor delas em relação a tudo o que lhes diz respeito, de acordo com o Seu próprio prazer. Sua soberania se mostra gloriosa no que abrange as suas questões mais importantes, até mesmo o estado eterno e condição das almas dos homens. Aqui vemos que a soberania de Deus é sem obrigações ou limites, na medida em que abrange a um caso de tamanha e infinita importância. Deus, portanto, em conformidade com o Seu desígnio manifestar a Sua própria glória, irá exercer a Sua soberania em relação aos homens, sobre as Suas almas e corpos, mesmo na mais importante questão de sua salvação eterna. Ele tem misericórdia de quem quer ter misericórdia, e endurece a quem quer.

APLICAÇÃO.

1. Assim aprendemos que somos absolutamente dependentes de Deus nesta grande questão da salvação eterna de nossas almas. Somos dependentes não só da Sua sabedoria para planejar uma maneira de realizá-la, e de Seu poder para efetuar-la, mas nós somos dependentes de Sua mera vontade e prazer em fazer isto. Nós dependemos da vontade soberana de Deus para todas as coisas que pertencem a ela, desde a fundação até à pedra do pináculo. Foi da vontade soberana de Deus, que Ele planejasse uma maneira de salvar qualquer um dentre a humanidade, e nos desse Jesus Cristo, Seu Filho unigênito, para ser o nosso Redentor. Por que Ele olhou para nós, e nos enviou um Salvador, e não aos anjos caídos? Foi por causa da vontade soberana de Deus. Foi de Seu soberano prazer escolher

que meios empregar. O fato de Ele ter nos concedido a Bíblia, e as ordenanças da Religião, foi por Sua soberana graça. O Seu oferecimento destes meios para nós, mais do que quaisquer outros, o Seu oferecimento de influências de despertamento por meio de Seu Espírito, e Sua concessão de graça Divina, todos se dão apenas por Seu soberano prazer. Quando Ele diz: “Haja luz na alma de um alguém”, esta é uma palavra de poder infinito e graça soberana.

2. Vamos com a maior humildade adorar a terrível e absoluta soberania de Deus. Como acabamos de mostrar, é um atributo eminente do Ser Divino, a saber, que Ele é soberano sobre esses excelentes seres tais como as almas dos homens, e que, em todos os aspectos, inclusive no de sua salvação eterna. A grandeza infinita de Deus, e a Sua exaltação acima de nós, não aparece em nada mais do que em Sua soberania. Fala-se dela na Escritura como uma grande parte da Sua glória: “Vede agora que eu, eu o sou, e mais nenhum deus há além de mim; eu mato, e eu faço viver; eu firo, e eu saro, e ninguém há que escape da minha mão” (Deuteronômio 32:39). “Mas o nosso Deus está nos céus; fez tudo o que lhe agradou” (Salmo 115:3). “Cujo domínio é um domínio sempiterno, e cujo reino é de geração em geração. E todos os moradores da terra são reputados em nada, e segundo a sua vontade ele opera com o exército do céu e os moradores da terra; não há quem possa estorvar a sua mão, e lhe diga: Que fazes?” (Daniel 4:34-35).

Nosso Senhor Jesus Cristo louvou e glorificou o Pai pelo exercício de Sua soberania na salvação dos homens: “Naquele tempo, respondendo Jesus, disse: Graças te dou, ó Pai, Senhor do céu e da terra, que ocultaste estas coisas aos sábios e entendidos, e as revelaste aos pequeninos. Sim, ó Pai, porque assim te aprouve” (Mateus 11:25-26). Vamos, portanto, dar a Deus a glória da Sua soberania, assim como adorar Aquele, cuja soberana vontade ordena todas as coisas, vendo a nós mesmos como sendo nada em comparação com Ele. Domínio e soberania exigem reverência humilde e honra. A soberania absoluta, universal e ilimitada de Deus requer que devamos adorá-LO com toda a humildade possível e reverência. É impossível que possamos exceder em humildade e reverência diante deste Ser, que pode dispor de nós, por toda a eternidade, da maneira que Lhe agradar.

3. Aqueles que estão em um estado de salvação atribuem à graça soberana somente, e dão todo o louvor Ele, que os faz diferente dos outros. Piedade não é motivo para se gloriar, a não ser em Deus: “Para que nenhuma carne se glorie perante ele. Mas vós sois dele, em Jesus Cristo, o qual para nós foi feito por Deus sabedoria, e justiça, e santificação, e redenção; para que, como está escrito: Aquele que se gloria glorie-se no Senhor” (1 Coríntios 1:29-31). Tal não é, por qualquer meio, em qualquer grau atribuído à sua piedade, seu estado e condições seguras e felizes, a qualquer diferença natural entre eles e os outros homens, ou a qualquer força ou justiça própria. Eles não têm nenhum motivo para exaltar-

se, no mínimo grau; mas Deus é o Ser a quem eles devem exaltar. Eles devem exaltar a Deus, o Pai, que os escolheu em Cristo, que pôs o Seu amor sobre eles, e deu-lhes a salvação, antes deles nascerem e mesmo antes que o mundo existisse. Se perguntarem, por que Deus colocou Seu amor sobre eles, e os escolheu, em vez de outros, se eles pensam que podem ver qualquer causa fora de Deus estão muito enganados. Eles devem exaltar a Deus o Filho, que levou seus nomes em Seu coração, quando Ele veio ao mundo, e foi pendurado na cruz, e em Quem somente eles possuem justiça e força. Eles devem exaltar a Deus, o Espírito Santo, que por graça soberana os chamou das trevas para a Sua maravilhosa luz; que por Sua própria operação imediata e livre, levou-os a uma compreensão do mal e do perigo do pecado, e os resgatou de sua justiça própria, e abriu-lhes os olhos para contemplarem a glória de Deus, e as maravilhosas riquezas de Deus em Jesus Cristo, e os santificou, e os fez novas criaturas.

Quando eles ouvirem da maldade dos outros, ou olharem para pessoas viciosas, eles devem pensar quão ímpios uma vez foram, e quanto eles provocaram a Deus, e como eles mereciam para sempre serem deixados por Ele a perecer no pecado, e que é somente a graça soberana que tem feito a diferença. Em 1 Coríntios 6:10 estão enumerados muitos tipos de pecadores: fornicadores, idólatras, adúlteros, efeminados, abusadores de si mesmos com a humanidade. E então, no versículo décimo primeiro, o apóstolo lhes diz: “E é o que alguns têm sido; mas haveis sido lavados, mas haveis sido santificados, mas haveis sido justificados em nome do Senhor Jesus, e pelo Espírito do nosso Deus”. O povo de Deus tem o maior motivo de gratidão, e a maior razão para amar a Deus, que tem lhes concedido tão grande e inefável misericórdia meramente por Sua vontade soberana.

4. Assim aprendemos por que causa temos de admirar a graça de Deus, pois Ele condescendeu a se ligar a nós por Pacto; pois Ele, que é, naturalmente, em Seu supremo domínio sobre nós, o nosso proprietário absoluto, e pode fazer conosco o que Lhe agrada, e não tem qualquer obrigação para conosco; pois deve, por assim dizer, abrir mão de Sua liberdade absoluta, e deixar de ser meramente soberano em Suas dispensas para com os crentes, quando uma vez eles têm crido em Cristo, e para sua mais abundante consolação, se ligam a Deus. Para que eles possam pleitear a salvação deste soberano; eles podem exigí-la por meio de Cristo, como uma dívida. E seria prejudicial para a glória dos atributos de Deus, negá-la a eles; seria contrário à Sua justiça e fidelidade. Que condescendência maravilhosa é a de tal Ser, ao assim, tornar-se vinculado a nós, vermes do pó, para o nosso consolo! Ele se comprometeu, por Sua Palavra e por Sua promessa. Mas Ele não ficou satisfeito; mas para que possamos ter consolação ainda mais forte, Ele obrigou a Si mesmo por Seu juramento: “Porque, quando Deus fez a promessa a Abraão, como não tinha outro maior por quem jurasse, jurou por si mesmo, dizendo: Certamente, abençoando te abençoarei, e multiplicando te multiplicarei. E assim, esperando com paciência, alcançou a promessa.

Porque os homens certamente juram por alguém superior a eles, e o juramento para confirmação é, para eles, o fim de toda a contenda. Por isso, querendo Deus mostrar mais abundantemente a imutabilidade do seu conselho aos herdeiros da promessa, se interpôs com juramento; para que por duas coisas imutáveis, nas quais é impossível que Deus minta, tenhamos a firme consolação, nós, os que pomos o nosso refúgio em reter a esperança proposta; a qual temos como âncora da alma, segura e firme, e que penetra até ao interior do véu, onde Jesus, nosso precursor, entrou por nós, feito eternamente sumo sacerdote, segundo a ordem de Melquisedeque” (Hebreus: 6:13-20).

Vamos, portanto, nos esforçar para nos submetermos à soberania de Deus. Deus insiste, que a Sua soberania seja reconhecida por nós mesmo neste grande assunto, um assunto que tão de perto e infinitamente nos interessa, como a nossa própria salvação eterna. Esta é a pedra de tropeço na qual milhares caem e perecem; e se continuarmos discutindo com Deus sobre a Sua soberania, isto será nossa ruína eterna. É absolutamente necessário que nós venhamos a nos submeter a Deus, como nosso soberano absoluto, e o soberano sobre as nossas almas; como alguém que pode ter misericórdia de quem quer ter misericórdia, e endurecer a quem Ele quiser.

5. E, por último. Podemos fazer uso dessa doutrina para proteger aqueles que buscam a salvação de dois extremos opostos: presunção e desânimo. Não presuma sobre a misericórdia de Deus, para deste modo incentivar a si mesmo a continuar no pecado. Muitos ouvem que a misericórdia de Deus é infinita, e, portanto, acham que, se eles demorarem a procurar a salvação no presente, poderão buscá-la futuramente, pois assim Deus concederá Sua graça a eles. Mas considero que, embora a graça de Deus seja suficiente, contudo, Ele é soberano, e agirá por Seu próprio prazer se Ele irá salvar ou não. Se você adiar a salvação até daqui por diante, a salvação não estará em Seu poder. E se você deverá obtê-la ou não, será como um Deus soberano se agradar. Vendo, pois, que neste caso você está tão absolutamente dependente de Deus, é melhor seguir sua direção na busca, isto é, ouvir a Sua voz hoje: “Hoje, se ouvirdes a sua voz, não endureçais seu coração”.

Cuidado também com o desânimo. Acautele-se dos pensamentos de desespero, porque você é um grande pecador, porque você tem continuado por tanto tempo no pecado, tem se desviado, e resistido ao Espírito Santo. Lembre-se disto, que seja qual for o seu caso, e você um tão grande pecador, se você não tiver cometido o pecado contra o Espírito Santo, Deus pode conceder misericórdia a você sem o menor prejuízo para a honra da Sua santidade, que você tem ofendido; ou à honra de Sua majestade, que você tem insultado; ou à Sua justiça, que você se tem feito seu inimigo; ou de Sua verdade; ou de qualquer um de Seus atributos. Seja você o que puder, pecador, Deus pode, se Ele quiser, glorificar grandemente a Si mesmo na Sua salvação.

[Sermão IV de Dezesete Sermões Ocasionais, nas Obras de Jonathan Edwards, Volume II, The Banner of Truth Trust, Reimpresso 1995, pp 849-854].

Sola Scriptura!
Sola Gratia!
Sola Fide!
Solus Christus!
Soli Deo Gloria!

OUTRAS LEITURAS QUE RECOMENDAMOS

Baixe estes e outros e-books gratuitamente no site oEstandarteDeCristo.com.

- 10 Sermões — R. M. M'Cheyne
- Adoração — A. W. Pink
- Agonia de Cristo — J. Edwards
- Batismo, O — John Gill
- Batismo de Crentes por Imersão, Um Distintivo Neotestamentário e Batista — William R. Downing
- Bênçãos do Pacto — C. H. Spurgeon
- Biografia de A. W. Pink, Uma — Erroll Hulse
- Carta de George Whitefield a John Wesley Sobre a Doutrina da Eleição
- Cessacionismo, Provando que os Dons Carismáticos Cessaram — Peter Masters
- Como Saber se Sou um Eleito? ou A Percepção da Eleição — A. W. Pink
- Como Ser uma Mulher de Deus? — Paul Washer
- Como Toda a Doutrina da Predestinação é corrompida pelos Arminianos — J. Owen
- Confissão de Fé Batista de 1689
- Conversão — John Gill
- Cristo É Tudo Em Todos — Jeremiah Burroughs
- Cristo, Totalmente Desejável — John Flavel
- Defesa do Calvinismo, Uma — C. H. Spurgeon
- Deus Salva Quem Ele Quer! — J. Edwards
- Discipulado no Tempo dos Puritanos, O — W. Bevins
- Doutrina da Eleição, A — A. W. Pink
- Eleição & Vocação — R. M. M'Cheyne
- Eleição Particular — C. H. Spurgeon
- Especial Origem da Instituição da Igreja Evangélica, A — J. Owen
- Evangelismo Moderno — A. W. Pink
- Excelência de Cristo, A — J. Edwards
- Gloriosa Predestinação, A — C. H. Spurgeon
- Guia Para a Oração Fervorosa, Um — A. W. Pink
- Igrejas do Novo Testamento — A. W. Pink
- In Memoriam, a Canção dos Suspiros — Susannah Spurgeon
- Incomparável Excelência e Santidade de Deus, A — Jeremiah Burroughs
- Infinita Sabedoria de Deus Demonstrada na Salvação dos Pecadores, A — A. W. Pink
- Jesus! — C. H. Spurgeon
- Justificação, Propiciação e Declaração — C. H. Spurgeon
- Livre Graça, A — C. H. Spurgeon
- Marcas de Uma Verdadeira Conversão — G. Whitefield
- Mito do Livre-Arbitrio, O — Walter J. Chantry
- Natureza da Igreja Evangélica, A — John Gill
- Natureza e a Necessidade da Nova Criatura, Sobre a — John Flavel
- Necessário Vos é Nascer de Novo — Thomas Boston
- Necessidade de Decidir-se Pela Verdade, A — C. H. Spurgeon
- Objeções à Soberania de Deus Respondidas — A. W. Pink
- Oração — Thomas Watson
- Pacto da Graça, O — Mike Renihan
- Paixão de Cristo, A — Thomas Adams
- Pecadores nas Mãos de Um Deus Irado — J. Edwards
- Pecaminosidade do Homem em Seu Estado Natural — Thomas Boston
- Plenitude do Mediador, A — John Gill
- Porção do Ímpios, A — J. Edwards
- Pregação Chocante — Paul Washer
- Prerrogativa Real, A — C. H. Spurgeon
- Queda, a Depravação Total do Homem em seu Estado Natural..., A, Edição Comemorativa de Nº 200
- Quem Deve Ser Batizado? — C. H. Spurgeon
- Quem São Os Eleitos? — C. H. Spurgeon
- Reformação Pessoal & na Oração Secreta — R. M. M'Cheyne
- Regeneração ou Decisionismo? — Paul Washer
- Salvação Pertence Ao Senhor, A — C. H. Spurgeon
- Sangue, O — C. H. Spurgeon
- Semper Idem — Thomas Adams
- Sermões de Páscoa — Adams, Pink, Spurgeon, Gill, Owen e Charnock
- Sermões Graciosos (15 Sermões sobre a Graça de Deus) — C. H. Spurgeon
- Soberania da Deus na Salvação dos Homens, A — J. Edwards
- Sobre a Nossa Conversão a Deus e Como Essa Doutrina é Totalmente Corrompida Pelos Arminianos — J. Owen
- Somente as Igrejas Congregacionais se Adequam aos Propósitos de Cristo na Instituição de Sua Igreja — J. Owen
- Supremacia e o Poder de Deus, A — A. W. Pink
- Teologia Pactual e Dispensacionalismo — William R. Downing
- Tratado Sobre a Oração, Um — John Bunyan
- Tratado Sobre o Amor de Deus, Um — Bernardo de Claraval
- Um Cordão de Pérolas Soltas, Uma Jornada Teológica no Batismo de Crentes — Fred Malone



2 Coríntios 4

¹ Por isso, tendo este ministério, segundo a misericórdia que nos foi feita, não desfalecemos;
² Antes, rejeitamos as coisas que por vergonha se ocultam, não andando com astúcia nem falsificando a palavra de Deus; e assim nos recomendamos à consciência de todo o homem, na presença de Deus, pela manifestação da verdade. ³ Mas, se ainda o nosso evangelho está encoberto, para os que se perdem está encoberto. ⁴ Nos quais o deus deste século cegou os entendimentos dos incrédulos, para que lhes não resplandeça a luz do evangelho da glória de Cristo, que é a imagem de Deus. ⁵ Porque não nos pregamos a nós mesmos, mas a Cristo Jesus, o Senhor; e nós mesmos somos vossos servos por amor de Jesus. ⁶ Porque Deus, que disse que das trevas resplandecesse a luz, é quem resplandeceu em nossos corações, para iluminação do conhecimento da glória de Deus, na face de Jesus Cristo. ⁷ Temos, porém, este tesouro em vasos de barro, para que a excelência do poder seja de Deus, e não de nós. ⁸ Em tudo somos atribulados, mas não angustiados; perplexos, mas não desanimados. ⁹ Perseguidos, mas não desamparados; abatidos, mas não destruídos; ¹⁰ Trazendo sempre por toda a parte a mortificação do Senhor Jesus no nosso corpo, para que a vida de Jesus se manifeste também nos nossos corpos; ¹¹ E assim nós, que vivemos, estamos sempre entregues à morte por amor de Jesus, para que a vida de Jesus se manifeste também na nossa carne mortal. ¹² De maneira que em nós opera a morte, mas em vós a vida. ¹³ E temos portanto o mesmo espírito de fé, como está escrito: Cri, por isso falei; nós cremos também, por isso também falamos. ¹⁴ Sabendo que o que ressuscitou o Senhor Jesus nos ressuscitará também por Jesus, e nos apresentará convosco. ¹⁵ Porque tudo isto é por amor de vós, para que a graça, multiplicada por meio de muitos, faça abundar a ação de graças para glória de Deus. ¹⁶ Por isso não desfalecemos; mas, ainda que o nosso homem exterior se corrompa, o interior, contudo, se renova de dia em dia. ¹⁷ Porque a nossa leve e momentânea tribulação produz para nós um peso eterno de glória mui excelente; ¹⁸ Não atentando nós nas coisas que se veem, mas nas que se não veem; porque as que se veem são temporais, e as que se não veem são eternas.